

## RUA FILIPE DOS SANTOS

Lei nº 389 de 26-09-1950

Formada pela rua 3 do Arruamento Mac-Hardy

Início na avenida Brasil

Término no pátio da Estação do Guanabara, da Fepasa  
Guanabara

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury. Antigamente, era conhecida por rua da Companhia.

## FILIPE DOS SANTOS

Filipe dos Santos nasceu em Portugal, em data ignorada e foi enforcado, em Ouro Preto, Minas Gerais, em 16-julho-1720. É considerado mártir da rebelião mineira de 1720. Vindo muito moço para o Brasil, Filipe dos Santos radicou-se em Ouro Preto e tornou-se, desde logo, ardoroso defensor dos brasileiros, contra a tirania exercida pelo governo português. Escorchados por toda a sorte de confiscos, taxas e impostos, os mineradores e a população em geral viviam em estado de revolta latente, severamente reprimida pela prepotência, manha e astúcia do conde de Assumar (D. Pedro de Almeida Portugal) governador das capitâneas de Minas e São Paulo. Em 11-02-1719 novas medidas são baixadas por D. João V aumentando os prejuízos dos mineradores. O povo já não aguenta mais a pressão portuguesa. Os rebeldes passam a se reunir e determinam as vésperas das festas de São Pedro para darem um ultimato ao Conde de Assumar, em Mariana. Corre tudo de acôrdo, e naquela data, os rebeldes cercam o palácio em Mariana e dão-lhe um ultimato. O documento exige a extinção de 14 medidas, entre elas impostos e taxas, consideradas lesivas ao interesse da população. O Conde Assumar recebe o documento e com humildade declara aos manifestantes que acataria todas as exigências e que poderiam regressar tranquilos às suas casas. No dia seguinte o Conde reorganiza suas tropas e inicia a perseguição aos rebeldes. Filipe dos Santos estava em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, no adro da igreja, explicando aos moradores os sucessos da noite anterior, quando os soldados de Assumar o prendem. Aos poucos Assumar desarticula os rebeldes e manda incendiar as casas dos que estão presos. Centenas de casas ardem, enquanto Assumar arma uma imitação de tribunal. Filipe dos Santos, o mais desprotegido socialmente, é apontado como o líder dos revolucionários. É enforcado nesse mesmo dia e em seguida seu corpo é amarrado à cauda de um cavalo e arrastado, a galope, pelas ruas da cidade.



**Lei n. 389, de 26 de Setembro de 1950**

**Dá o nome de «Filipe dos Santos» a uma rua da cidade**

A CÂMARA MUNICIPAL, DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "Rua Filipe dos Santos" a via pública desta cidade, situada no bairro do Guanabara, e sem denominação, como travessa da Avenida Brasil logo acima do pontilhão da Mogiana ali existente e com começo nessa via pública e término junto à Estação do Guanabara.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de setembro de 1950.

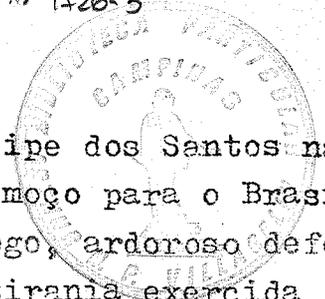
**MIGUEL VICENTE CURY**

Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 26 de setembro de 1950.

O Diretor,

**ADMAR MAIA**



Mártir da Rebelião Mineira de 1720, Filipe dos Santos nasceu em Portugal, em data ignorada. Veio muito moço para o Brasil, radicou-se em Ouro Preto e tornou-se, desde logo, ardoroso defensor dos interesses dos brasileiros, contra a tirania exercida na capitania de Minas pelo governo português.

Escorçados por toda sorte de confiscos, taxas e impostos, os mineradores e a população em geral viviam em estado de revolta latente, reprimida pela prepotência, manha e astúcia do conde de Assumar (D. Pedro de Almeida Portugal), governador das capitanias de Minas e São Paulo.

A 11-fevereiro-1719, D. João V baixa uma lei, criando as Casas de Fundição e proibindo o comércio de ouro em pó. A nova lei determinava que todo o ouro extraído fosse levado à Casa de Fundição e só depois de transformado em barra poderia ser negociado. Na Casa de Fundição a Fazenda Real cobrava o "quinto" e mais uma taxa de "purificação". Assim, para cada quilo de ouro extraído, o governo confiscava 250 gramas. Tinham ainda os mineradores de requerer a execução do trabalho e aguardar despacho.

Durante esse tempo, meses às vezes, o ouro ficava em poder da repartição e os seus proprietários impedidos de negociá-lo.

Essa lei foi a gota que fez transbordar a paciência dos mineradores. Tanto mais que ninguém, na capitania, ignorava as dissensões reinantes na corte de D. João V; os amores devassos do monarca, a cascata de dinheiro gasto em obras suntuárias, muitas delas com o propósito de confundir a opinião pública e o clero. O evento de Mafra, por exemplo, mandado construir por D. João V, com as suas 800 salas forradas de caríssimas obras de arte; as 700 missas que mandara rezar em benefício da sua alma, como se fosse ele o mais piedoso dos homens etc.

Na noite de 28-junho-1720, véspera das festas de São Pedro, decidem os mineradores desencadear o movimento de rebeldia. Confiando de que os fogos juninos e as festas populares camuflariam os primeiros passos, dirigem-se à casa do cuvidor Martinho Vieira. À aproximação dos manifestantes, o cuvidor foge e refugia-se em Mariana, onde residia o conde de Assumar.

Ante o êxito dos primeiros passos dos rebeldes, o grupo aumenta. Somam agora cerca de 2 mil pessoas. Participam do grupo Ezequiel da Silva Guimarães, mestre-de-campo, considerado o homem mais rico da capitania; Sebastião da Veiga Cabral, ex-governador da Colônia de Sacramento; dr. Manuel Mosqueteiro, João Ferreira Dinis; Tomé Afonso, 2 ou 3 padres e Filipe dos Santos - o mais pobre e inculto do grupo que liderava o movimento, mas orador fluente e gozando de grande simpatia no seio da população.

O grupo, em Mariana, cerca o palácio do governador e manda-lhe um ultimato. O documento exige: a extinção de 14 medidas, entre elas impostos e taxas, consideradas lesivas aos interesse da população.

O conde de Assumar recebe o documento e assumindo uma grande humildade, declara aos manifestantes que acataria todas as exigências. Podem eles regressar tranquilos aos seus lares.

Em Ouro Preto, nessa mesma noite, há grande regozijo nas ruas. Festas, queima de fogos, explosões de alegria.

Desarmados os ânimos, já no dia 29, o conde de Assumar reorganiza as suas tropas.

Filipe dos Santos estava em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, no adro da igreja, explicando aos moradores os sucessos da noite anterior. Os soldados de Assumar cercam o adro e prendem-no.

Aos poucos, Assumar desarticula os rebeldes. No dia 16-julho-1720, já dominava ele inteiramente a situação. À frente de 1.500 homens armados, Assumar entra em Ouro Preto e manda incendiar a casa dos revoltosos. Centenas de casas ardem, durante todo o dia, enquanto ele arma uma imitação de "tribunal", cuja incumbência seria a de indiciar o líder dos revolucionários.

O "tribunal" aponta Filipe dos Santos, o mais desprotegido socialmente. Filipe é enforcado nesse mesmo dia: 15-julho-1720. E seguida, seu corpo é emarrado à cauda de um cavalo e arrastado, a galope, pelas ruas da cidade.

Morrera o homem, mas seu exemplo ficou para as gerações futuras e as suas idéias serviram de germe aos idealistas da Conspiração Mineira.

(Extraído de págs. 94 e 95 do livro "Biografias de Personalidades Célebres" de Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira)

## RUA FILIPE DOS SANTOS



### FELIPE DOS SANTOS — RUA (Felipe dos Santos Freire)

Começa na Avenida Brasil (1.ª rua depois do pontilhão) e termina no Pátio da Estação de Guanabara, no JARDIM GUANABARA.

**HISTÓRICO:** — "... Em 1711 foram elevadas à categoria de vilas as povoações de Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), de Vila Rica (atualmente Ouro Preto) e de N. S. da Conceição de Sabará.

Pouco depois ficou resolvido, que para substituir o imposto do quinto, se cobrariam 30 arrobas anuais de ouro, divididas pelas diversas comarcas.

A população da região das minas em sua grande maioria era pobre e sem proteção. O ouro era propriedade só dos senhores das lavras. Os preços dos gêneros de primeira necessidade — carne, peixe salgado, milho, feijão, farinha — eram excessivos, os impostos e as multas aumentavam as dificuldades da vida.

Desde 1711 governava como capitão-general o conde de Assumar (D. Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos). Bom militar, mas sem ilustração, queria dominar pela força e pelo terror. Daí a sua impopularidade.

Criadas as casas de fundição, em 1719, devia todo o ouro das minas ser posto em barras, proibindo-se o transporte, comércio e exportação do ouro em pó. O descontentamento foi geral. Logo depois a vila de Pitangui se insurgiu, sob direção de um paulista muito poderoso — Domingos Rodrigues do Prado. A companhia de Dragões do Conde de Assumar dominou a situação.

Na noite de S. Pedro do mesmo ano — 1720 —, insurgiu-se Vila Rica, sendo atacada por bandos de mascarados a casa do ouvidor. No dia seguinte ocuparam o largo da Câmara. Assumar estava na vila do Carmo (Mariana) e para lá marcharam os sublevados — quasi 2.000 — na madrugada de 2 de julho. O Conde permitiu fazer o que pediam os revoltosos e deu-lhes alvará de perdão, isto é, um documento autenticado com o selo das armas reais. O povo, delirante, dispersou-se. Mas os motins continuaram e o Conde, que procurara só ganhar tempo, ordenou a prisão dos cabeças da sedição. O principal — Felipe dos Santos — foi preso. Assumar ordenou que incendiassem as choupanas dos rebeldes (hoje é o chamado morro da Queimada, em Ouro Preto). Felipe dos Santos depois de enforcado (16 de julho de 1720), foi atado à cauda de um cavalo, em disparada pelas ruas de Vila Rica..." (Epítome de Hist. do Brasil — de Jonathas Serrano).

(DIÁRIO DO POVO DE 25.12.1956)

25-12-1956



## RUAS DA CIDADE

FELIPE DOS SANTOS — RUA  
(Felipe dos Santos Freire)

Começa na Avenida Brasil (1.ª rua depois do pontilhão) e termina no Pátio da Estação de Guanabara, no JARDIM GUANABARA.

**HISTÓRICO:** — "... Em 1711 foram elevadas à categoria de vilas as povoações de Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), de Vila Rica (atualmente Ouro Preto) e de N. S. da Conceição de Sabará.

Pouco depois ficou resolvido, que para substituir o imposto do quinto, se cobrariam 30 arrobas anuais de ouro, divididas pelas diversas comarcas.

A população da região das minas em sua grande maioria era pobre e sem proteção. O ouro era propriedade só dos senhores das lavras. Os preços dos gêneros de primeira necessidade — carne, peixe salgado, milho, feijão, farinha — eram excessivos, os impostos e as multas aumentavam as dificuldades da vida.

Desde 1711 governava como capitão-general o conde de Assumar (D. Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos). Bom militar, mas sem ilustração, queria dominar pela força e pelo terror. Daí a sua impopularidade.

Criadas as casas de fundição, em 1719, devia todo o ouro das minas ser posto em barras, proibindo-se o transporte, comércio e exportação do ouro em pó. O descontentamento foi geral. Logo depois a vila de Pitangui se insurgiu, sob direção de um paulista muito poderoso — Domingos Rodrigues do Prado. A companhia de Dragões do Conde de Assumar dominou a situação.

Na noite de S. Pedro do mesmo ano — 1720 —, insurgiu-se Vila Rica, sendo atacada por bandos de mascarados a casa do ouvidor. No dia seguinte ocuparam o largo da Câmara. Assumar estava na vila do Carmo (Mariana) e para lá marcharam os sublevados — quasi 2.000 — na madrugada de 2 de julho. O Conde prometeu fazer o que pediam os revoltosos e deu-lhes alvará de perdão, isto é, um documento autenticado com o selo das armas reais. O povo, delirante, dispersou-se. Mas os motins continuaram e o Conde, que procurava só ganhar tempo, ordenou a prisão dos cabeças da sedição. O principal — Felipe dos Santos — foi preso. Assumar ordenou que incendiassem as choupanas dos rebeldes (hoje é o chamado morro da Queimada, em Ouro Preto). Felipe dos Santos depois de enforcado (16 de julho de 1720), foi atado à cauda de um cavalo, em disparada pelas ruas de Vila Rica..." (Epítome de Hist. do Brasil — de Jonathas Serrano).